

TEOLOGIA ANALÍTICA*

MCCALL, Thomas H. **Teologia analítica**: a teologia em diálogo com a filosofia. Tradução Natália Mendes Teixeira. Viçosa, MG: Ultimato, 2022, 298 p.

Arthur Henrique Soares dos Santos**

A interdisciplinaridade é um tema constante em várias investigações filosóficas, seja na filosofia da ciência com suas várias subdivisões, seja na filosofia do direito, seja até mesmo na filosofia da religião. Na obra *Teologia analítica*, Thomas H. McCall traz uma discussão interdisciplinar, introdutória e acessível entre a teologia cristã tradicional e a filosofia analítica contemporânea. O livro, publicado nos Estados Unidos com o título *An invitation to analytic christian theology*, foi trazido para o Brasil como o segundo livro da série *Filosofia e Fé Cristã*, fruto de uma parceria entre a Editora Ultimato e a Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC²). A tradução foi feita cuidadosamente por Natália Mendes Teixeira e tanto a tradutora quanto o editor, Davi Bastos, inserem notas explicativas aos que são iniciantes na filosofia analítica da religião, tornando a obra uma porta de entrada ainda mais acessível a quem não está acostumado com a linguagem filosófica.

Uma das coisas que mais se destacam no livro de McCall é que ele faz estudos de caso para exemplificar as teses defendidas por ele. Tais estudos introduzem o leitor em temas fundamentais da relação entre filosofia e teologia, como a questão da soberania divina e responsabilidade humana, a doutrina da cristologia ortodoxa, bem como a relação entre criação e evolução. Por isso, enquanto obra interdisciplinar, as marcas da mistura entre teologia e filosofia analítica estão sempre presentes, sendo difícil discernir separações visíveis entre elas. Talvez isso mostre aos teólogos que eles não podem deixar de lado a filosofia. Semelhantemente, é demonstrado aos filósofos cristãos que eles precisam da teologia.

Nesse livro, McCall tem por objetivo introduzir a *teologia analítica cristã*. No primeiro capítulo, ele deixa claro que tal projeto é inspirado pelo que ele chama de “renascimento da filosofia da religião” (p. 17), o qual foi marcado por filósofos como Alvin Plantinga, Eleonore Stump, William Alston e Richard Swinburne. Assim, McCall parte da

* Texto recebido em 10/02/2023 e aprovado para publicação em 20/04/2023.

** Mestrando e graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor de Filosofia no Centro de Estudos João Knox e no Centro Educacional Evangélico Logos. E-mail: santosarthursoares@gmail.com.

tese de Michael Rea de que a teologia *analítica* deve ter o mesmo tipo de ambições e estilo do discurso filosófico analítico. Por conta disso, há várias prescrições de rigor lógico, clareza semântica, possibilidade de formalização e manipulação lógica, entre outras. Afinal, nesse caso a teologia deve ser feita com o ferramental da filosofia analítica. Contudo, como teologia analítica *cristã*, ela “será fundamentada nas Escrituras cristãs, será informada pela grande tradição do desenvolvimento doutrinário, será ‘cristologicamente orientada’ e dialogará com a cultura” (p. 27). Nesse sentido, há uma continuidade com a tradição cristã de Tomás de Aquino, João Duns Scotus e até mesmo John Wesley.

McCall ainda busca evitar quaisquer mal-entendidos ao dizer o que a teologia analítica cristã não é. Dois pontos devem ser destacados aqui. Primeiro, a teologia analítica não é necessariamente comprometida com a teologia natural. Embora existam teólogos analíticos defensores da teologia natural, como William Lane Craig e Richard Swinburne, a teologia analítica também dá espaço a abordagens que não se comprometem com a teologia natural. Um exemplo disso é a epistemologia reformada, a qual defende que a crença em Deus e no Evangelho podem ser conhecimento mesmo sem argumentos evidenciais (o que obviamente não implica a impossibilidade da teologia natural). Em segundo lugar, a teologia analítica não deve ignorar a história da doutrina cristã, principalmente no que diz respeito a temas essenciais como a Trindade ou as duas naturezas de Cristo. Como será visto mais à frente, o terceiro capítulo mostra exemplos de como investigar a história da doutrina usando o ferramental filosófico analítico.

No segundo capítulo da obra, McCall aborda a relação entre teologia analítica e as Escrituras cristãs. Resumidamente, é defendida a ideia de que a teologia analítica é uma resposta à revelação divina, de modo que “a teologia analítica – como teologia cristã – deve ser fiel às Escrituras e dialogar com os estudos bíblicos acadêmicos” (p. 40). Assim, o teólogo analítico discute a relação entre teologia natural e teologia revelada, mostrando que há espaço para as duas no diálogo acadêmico analítico. Isso leva a um comentário central de McCall neste trecho: “um teólogo analítico que também seja um teólogo natural pode permitir que a teologia revelada esclareça, corrija ou reforce os *insights* adquiridos pela teologia natural. Na verdade, como um teólogo *cristão*, o teólogo analítico não apenas *pode*, mas também *deve* fazer isso” (p. 46, grifos do autor).

Assim, a teologia bíblica, como área de estudos que investiga o que os autores bíblicos disseram, deve ser fonte de informação para a teologia analítica. Para exemplificar isso,

McCall faz o primeiro estudo de caso do livro ao investigar a defesa que o teólogo bíblico D. A. Carson faz do “compatibilismo”. Em sua obra *Soberania divina e responsabilidade humana*, Carson defende que as Escrituras atestam a soberania divina ao mesmo tempo que afirmam a responsabilidade humana. Segundo ele, isso é “compatibilismo”. Sem dúvida, o teólogo analítico cristão deve estar comprometido com as afirmações da soberania divina e da responsabilidade humana; nesse sentido, o trabalho carsoniano mostra as afirmações bíblicas imprescindíveis a filósofos e teólogos que creem nas Escrituras cristãs. Contudo, dialogando com J. P. Moreland e William Lane Craig, McCall nota que o compatibilismo, na metafísica, defende a compatibilidade entre *determinismo* e *liberdade*, o que é diferente do objeto de estudo feito por Carson. Nesse sentido, ao mesmo tempo que a teologia analítica foi informada pela análise escriturística de Carson, a abordagem filosófica analítica também corrigiu conceituações feitas pelo teólogo – e é assim que a filosofia é fonte de ajuda para a teologia cristã revelada.

No terceiro capítulo, McCall aborda a relação entre teologia analítica e a história da doutrina. Uma vez que, obviamente, o teólogo analítico não é o primeiro leitor das Escrituras cristãs, então é possível a ele se beneficiar da história da interpretação bíblica e do desenvolvimento da doutrina na tradição cristã. Por isso, há a importância da ortodoxia dos Credos Ecumênicos do cristianismo, como os credos Apostólico, Niceno, de Atanásio e de Calcedônia. Tais credos valem para qualquer trabalho filosófico cristão. Além deles, existem também as confissões de fé particulares a cada grupo religioso, as quais podem guiar membros de distintas tradições cristãs a formularem seus trabalhos teológico-filosóficos. Exemplo disso é a epistemologia reformada desenvolvida por Plantinga, a qual é profundamente nutrida pelo trabalho de João Calvino, pela Confissão Belga e pelo Catecismo de Heidelberg, os quais são muito importantes na tradição reformada de Plantinga.

Ainda nesse terceiro capítulo, McCall traz mais dois estudos de caso para exemplificar suas teses. O primeiro é acerca da defesa da visão cristã ortodoxa de que Cristo é uma única pessoa, mas com duas naturezas, sendo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem. Ele mostra primeiro a objeção do filósofo da religião John Hick, o qual afirmava que tal doutrina era desprovida de significado. Em contraponto, McCall reúne duas respostas distintas dentro da ortodoxia cristã: uma explicação abstracionista feita por Thomas V. Morris e uma proposta concretista feita por Marilyn McCord Adams e Eleonore Stump. Em ambos os casos, há uma preocupação em afirmar a existência de duas mentes na pessoa única de Cristo. Por isso, embora

o trabalho cristológico não esteja terminado, McCall demonstra que os ataques feitos à doutrina tradicional não foram bem-sucedidos. O segundo estudo de caso desse capítulo é acerca da cristologia fisicalista proposta por Trenton Merricks, o qual defende que, na Encarnação, o Filho é idêntico ao corpo de Jesus Cristo. Contudo, McCall aponta que ainda existem dúvidas se ela é de fato logicamente coerente e se ela é de fato ortodoxa. Esses dois estudos de caso ilustram a utilidade que as ferramentas analíticas podem ter para o estudo teológico.

No quarto capítulo, McCall fala da teologia analítica como algo que deve ser feito para a Igreja e o mundo, inspirando-se na ideia de Nicholas Wolterstorff de que o teólogo quer falar ao mundo, curar o mundo. Para exemplificar isso, o autor se volta a mais um estudo de caso. Dessa vez, o objeto discutido é o debate acerca de criação e evolução, procurando elucidar as várias visões a fim de defender a compatibilidade entre as Escrituras e a ciência biológica contemporânea. Acerca desse ponto, primeiro McCall critica as propostas de John Schneider e Daniel Harlow, os quais, na ânsia de demonstrar a compatibilidade entre cristianismo e teoria da evolução, abandonam a historicidade da Queda. De acordo com McCall, tais propostas, além de compreenderem mal a evolução, ainda ferem doutrinas importantes como a bondade da criação e até do próprio Deus criador. Por isso, a fim de mostrar propostas ortodoxas de conciliação entre cristianismo e teoria da evolução, são trazidos à tona os trabalhos de Alvin Plantinga, C. John Collins e N. T. Wright, fazendo a interseção entre a teologia bíblica e o ferramental filosófico analítico. Assim, é defendida uma visão de evolução atrelada a uma leitura não literalista de Gênesis, mas que ainda assim afirme um estado pré-Queda bem como a historicidade da Queda.

Além disso, McCall se inspira no *Conselho aos filósofos cristãos* de Plantinga para apoiar um projeto global de teologia analítica cristã. Afinal de contas, com poucas exceções, a filosofia analítica da religião deu pouca atenção a temas como política e moralidade, os quais também são tópicos fundamentais na investigação filosófica. A questão regional também se torna importante, uma vez que McCall defende que o mundo filosófico e teológico anglo-americano precisa aprender mais com a teologia e a filosofia analíticas produzidas na África, Ásia e Oceania. Nisso o teólogo se encontra apoiado pela ênfase multicultural e etnicamente plural do Novo Testamento. Sem dúvida, essa tese marca um encontro com as preocupações decoloniais que estão presentes na filosofia de países como o Brasil. Aos leitores brasileiros, sejam eles filósofos ou teólogos, isso mostra que o projeto de uma teologia analítica cristã brasileira parece perfeitamente justificado.

No quinto e último capítulo, McCall defende que “a teologia analítica deve direcionar-se a sua finalidade apropriada, e os teólogos analíticos devem estar atentos à sua abordagem e à postura apropriadas da teologia” (p. 154). A finalidade apropriada é a glória de Deus. Já a abordagem deve lembrar que a teologia é ciência (*scientia*) e sabedoria (*sapientia*). Isso significa que, além do conhecimento teórico, o teólogo analítico também precisa cultivar um “*habitus interior*”, tendo como base o temor a Deus que, segundo as Escrituras cristãs, é o princípio da sabedoria. Por esse motivo, o teólogo deve cultivar virtudes morais e intelectuais a fim de produzir um bom trabalho. Sem dúvida, a proposta de McCall se adequa muito bem às recentes defesas de uma epistemologia das virtudes, como defendido por Linda Zagzebski. De acordo com McCall, dessa forma talvez a teologia analítica “possa falar verdadeiramente do Deus triúno e de santo amor. E talvez, pela graça de Deus, ela resulte em amor a Deus e ao próximo” (p. 170).

A obra, sendo de cunho introdutório, obviamente deixa pontas soltas. As discussões sobre cristologia, por exemplo, deixam vários problemas em aberto para discussões subsequentes. O debate acerca de criação e evolução esboçam posicionamentos tradicionais na filosofia analítica cristã, mas deixam o trabalho de aprofundamento ser direcionado para outras obras. Apesar disso, McCall sem dúvida cumpre o propósito de introduzir os temas e mostrar referências bibliográficas básicas para o aprofundamento nas discussões em teologia analítica, ou filosofia analítica da religião, uma vez que as fronteiras nunca são bem delineadas na obra. Talvez, na realidade, o livro de Thomas H. McCall seja uma testemunha acerca da impossibilidade de demarcar rigidamente as fronteiras entre ambas as disciplinas. No fim das contas, filósofos e teólogos que trabalhem com o ferramental analítico estão envolvidos no mesmo projeto de uma teologia analítica cristã, ou de uma filosofia da religião cristã. Sem dúvida, o resultado é uma declaração de que a teologia não pode deixar de lado os recursos da filosofia.

Em suma, a obra *Teologia analítica*, de Thomas H. McCall, mapeia a teologia analítica cristã, expõe alguns de seus principais problemas filosóficos e instiga o leitor a se aprofundar ainda mais no universo filosófico-teológico. Com uma escrita clara, fluida e acessível, mas sem deixar o rigor analítico, o autor convida todos os leitores a se engajarem no projeto da teologia analítica cristã. Sem dúvida, com mais esse livro, a série *Filosofia e Fé Cristã* continua introduzindo o leitor brasileiro no universo de uma área que começou a ser explorada há pouco tempo no País.